



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



O TRABALHO GRUPAL COM CRIANÇAS POR UMA PERSPECTIVA COGNITIVISTA COMPORTAMENTAL E SEU IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO INFANTIL

FERNANDES, Thaísa.¹
VECCHIA, Christiane Cordeiro Silvestre Dalla.²

RESUMO

O presente artigo visa abordar o trabalho grupal com crianças e o impacto que esse serviço possui sobre o desenvolvimento humano dos integrantes. O projeto basear-se-á na literatura cognitivista comportamental e o que seu escopo sustenta sobre esse manejo. Deste modo, essa pesquisa literária buscou investigar se de fato o trabalho grupal com crianças sustenta-se em uma prática baseada em evidências, assim como se existem comprovações que certificam que o trabalho grupal possui efeitos positivos sobre o desenvolvimento infantil, elucidando quais são esses possíveis efeitos atrelados ao uso de atividades lúdicas. Para tal, os resultados revelaram que o trabalho grupal com crianças tem demonstrado bons resultados. Por fim, esse estudo contribuiu para um melhor entendimento do trabalho grupal com crianças e seu impacto no desenvolvimento infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho grupal, crianças, desenvolvimento infantil, teoria cognitiva comportamental, prática baseada em evidências.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho grupal com crianças aparenta estar amplamente difundido por todo o mundo, em adição, o uso do lúdico e a importância do brincar apresentam forte embasamento pela literatura. Neste contexto, o presente artigo discorre sobre as evidências que sustentam o trabalho grupal com crianças e sua significância para o desenvolvimento infantil, enfatizando a colaboração que a abordagem cognitivista comportamental (TCC) possui sobre o desenvolvimento motor e cognitivo do indivíduo.

Para tal, a teoria cognitivista comportamental possui um vasto escopo podendo ser utilizada para os mais diversos contextos e situações. Em seu livro *Terapia Cognitiva- comportamental: teoria e prática*, Judith Beck refere que a TCC pode ser utilizada para todos os clientes adaptando-se

¹Discente do curso de Psicologia. E-mail: tfernandes2@minha.fag.edu.br

²Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Docente do curso de Psicologia. E-mail: christianavecchia@fag.edu.br



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



aos níveis educacionais, culturais e as suas faixas etárias sendo utilizada com crianças na primeira infância até pessoas com uma idade avançada (BECK, 2021).

Para mais, o brincar é importante para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança. Por intermédio da brincadeira a criança aprende os mais diversos construtos sociais e regras culturais, além do mais, através das brincadeiras pode desenvolver todos os campos de sua vida, seja suas funções psíquicas, sua evolução psicomotora e seu progresso enquanto indivíduo. Desse modo salienta-se que a própria Organização das Nações Unidas e os Direitos Humanos asseguram que o brincar é um direito que deve ser garantido para todas as crianças (PAPALIA; MARTORELL, 2021).

Crianças aprendem muito imitando umas às outras. Sendo assim, a influência dos pares tem um papel significativo no desenvolvimento (PAPALIA; MARTORELL, 2021). Assim, denota-se que a convivência com outras crianças traz benefícios para o desenvolvimento infantil.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde os primórdios da humanidade os mais diversos filósofos e estudiosos afirmaram que o homem é um ser que deve viver em sociedade. Aristóteles afirmava que o homem é um animal político e, seguindo os preceitos de seu tutor: Platão, um ser sociável (Lima, 2015). De uma maneira mais pontual, o próprio Platão abordou a temática do trabalho com crianças em sua obra “a República”:

[...] Platão afirmava que desde a idade mais tenra meninos e meninas deviam envolver-se com atividades lúdicas, brincar, jogar, ou seja, a mesma educação para homens e mulheres. Era categórico em afirmar que as atividades lúdicas educativas eram eficazes para a formação do caráter e da personalidade das crianças (LIMA, 2015, p.4).

Ressalta-se que o ideal de infância que existe na hodiernidade e os conhecimentos acerca da criança iniciaram-se com um maior enfoque muitos séculos após Platão, porém, percebe-se que o interesse pela temática acompanha o próprio início do conhecimento junto a Filosofia. Em adição,



Aristóteles abordou que o trabalho lúdico com crianças ajudava na purificação da alma e no encontro com o belo, ademais, foi conclusivo em afirmar que o uso das atividades lúdicas com crianças as ajudaria a ingressar de forma plena na sociedade (LIMA, 2015).

Com um olhar longitudinal pela história, examina-se que os conceitos sobre a infância se modificaram de maneira significativa. Philippe Airés pode ser citado como um grande pioneiro desse movimento. Em sua obra *“História Social da Criança e da Família”* (1978) o historiador constata as mudanças que ocorreram desde a época medieval em relação às concepções com a infância. Com esse fim, afirmou que as crianças eram vistas e tratadas como *“mini adultos”* e não de uma forma independente, mas sim, como pertencentes a seus tutores.

Denota-se que mesmo após a chegada da modernidade, os resquícios desse pensamento ainda estavam presentes. Friedrich Engels em sua obra *“A classe trabalhadora da Inglaterra”* (1845) esclarece como crianças eram operárias do mesmo modo que os adultos e viviam em condições extremamente insalubres. Assim, por uma interpretação histórica e sobre o viés dos mais diversos pesquisadores, os preceitos de Airés (1978), que a noção de infância da contemporaneidade é extremamente recente, podem ser comprovados.

Atualmente, a infância possui um grande escopo de estudos e as evidências sustentam a importância do brincar e a convivência com o outro. Como prova, devido a modernização da tecnologia o uso de dispositivos eletrônicos de forma exacerbada - e sendo inseridos cada vez mais cedo na vida dos sujeitos - tem se mostrado maléfico para o desenvolvimento infantil, pois limita o brincar da criança causando os mais diversos prejuízos em seu desenvolvimento global (LACERDA, 2021).

2.1 Ciência: O que significa ser científico?

Segundo Bock (2021) as áreas do conhecimento se dividem em cinco grandes campos: o senso comum que se refere aos conhecimentos adquiridos no cotidiano e que são passados de forma geracional (de pai para filho), a filosofia que se preocupa com o significado da existência humana, com a origem do universo, assim como, questionamentos morais e éticos. A arte que engloba a expressão, o *“transmitir algo”*, para a autora este campo estaria muito ligado aos sentimentos



humanos, entretanto, ressalta-se que a arte pode ser muito utilizada para posicionamentos políticos, críticas sociais e para retratar períodos históricos. Outro campo de conhecimento seria a religião, que englobaria as crenças, os valores e estaria muito ligada à espiritualidade dos sujeitos.

Por fim, o último grupo seria o da Ciência. A ciência diria respeito à realidade, ela se preocupa em compreender o que ocorre no mundo, desde explicar a constituição do homem a explicar os fenômenos que ocorrem ao seu redor. Assim, a ciência seria objetiva e racional sendo um acumulado histórico dos conhecimentos que a humanidade adquiriu e constatou ao longo de sua existência. (BOCK; et.al, 2021)

Em adição, Pilati (2021) afirma que a ciência deve ser entendida como um grupo que coloca à prova seu objeto de estudo. Deve ser passível de falseabilidade, ou seja, todo conhecimento científico pode ser refutado e questionado. Diferente de um dogma, verdade absoluta, o ser científico teria como princípio sua refutação.

[...] todo tipo de afirmação deve poder ser submetida a algum tipo de procedimento que confronte a afirmação com a realidade por meio de um teste. Se a afirmação que exprime o conhecimento não é passível de ser submetida a algum procedimento pelo qual sua falsidade possa ser desvendada, então não há o que se falar sobre essa afirmação (PILATI, p.38, 2021).

A ciência seria cumulativa por seu caráter transitório, em outros termos, a ciência avança quando o conhecimento é colocado em prova. “É graças ao que sabíamos antes que podemos ter um novo conhecimento agora, mesmo que esse novo conhecimento contradiga o anterior ou explique um fenômeno a mais ou, então, que seja mais simples.” (PILATI, p.41, 2021)

Consequentemente, a ciência segue métodos para sua verificação. Para tal, a ciência poderia se preocupar com questionamentos dos outros campos e colocar à prova sua verificabilidade. Esse seria outro critério para sua existência, o conhecimento científico deve ser passível de replicação, e para que isso seja possível deve seguir critérios estabelecidos e descritos conforme o que é pesquisado. Esse modelo é popularmente conhecido como a metodologia científica empregada sobre o estudo.



Atrelado a isso, para uma prática ser considerada baseada em evidências (PBE) é necessário que ocorra uma revisão sistemática sobre o assunto. De forma simplista e resumida, para uma técnica, prática ou algo ser uma PBE, é essencial que seja fundamentada em evidências científicas sólidas, obtidas através da aplicação rigorosa da metodologia científica.

Sendo assim, uma revisão sistemática seria uma avaliação sobre a literatura, que teria como objetivo analisar criticamente e de modo imparcial os estudos que sustentam a prática posta como objeto de estudo. Para que isso seja possível, a revisão baseia-se em um protocolo com métodos rigorosos e precisos impostos sobre ela. Essas revisões são de suma importância pois por meio delas pode-se destacar práticas científicas e, no contexto de processos terapêuticos, que sustentam a melhor evidência e o melhor tratamento a ser ofertado (SAMPAIO RF; MANCINI MC, 2007).

Em correlação, assim como destacado por Pilati (2021), a ciência segue métodos para sua verificação, colocando à prova seu objeto de estudo e sendo passível de falseabilidade. Dessa forma, a PBE se alinha com todos os princípios fundamentais da ciência, garantindo que intervenções e decisões clínicas sejam embasadas em dados confiáveis e resultados comprovados.

Nesse sentido, a PBE não apenas valoriza o conhecimento científico acumulado ao longo do tempo, por meio de suas revisões na literatura, mas também viabiliza questionamentos a serem respondidos por seus protocolos, impulsionando constantemente o avanço da Ciência.

2.2. Terapia Cognitivo Comportamental

Aaron Beck é o fundador e precursor da teoria cognitiva comportamental. Beck era psicanalista e atendia pacientes depressivos. Neste contexto, em 1956 realizou uma pesquisa que tinha como objetivo identificar os fatores depressivos postulados por Freud. Nessa pesquisa Beck (e seus colegas) constataram que os pacientes depressivos tinham pensamentos negativos e distorcidos (disfuncionais e irreais). Após essa constatação, novos estudos foram realizados e Beck foi capaz de postular o sistema de crenças que pacientes depressivos apresentavam (BAHLS; NAVOLAR, 2004).



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



Logo, em um primeiro momento a Teoria Cognitiva Comportamental volta-se para o público depressivo, entretanto, conforme os estudos da nova abordagem foram avançando sua eficácia se expandiu para outros públicos (BAHLS; NAVOLAR, 2004).

A teoria cognitiva se fundamenta no princípio que os comportamentos, as emoções, os pensamentos e o ambiente influenciam a estrutura cognitiva (BECK, 2021). Wainer explica que: “as estruturas cognitivas decorrem do acúmulo de experiências na memória e servem como um filtro para as próximas.” (WAINER; et.al, 2011)

Judith Beck explicou os catorze princípios que sustentam a TCC em seu livro. Deste modo, a TCC utiliza da conceitualização para compreender a estrutura cognitiva do indivíduo. A estrutura cognitiva refere-se à organização dos processos mentais de qualquer pessoa, incluindo seus pensamentos, crenças, percepções e interpretações sobre si mesmo, os outros e o mundo ao seu redor. A TCC é uma abordagem colaborativa, ou seja, onde paciente e terapeuta trabalham de forma conjunta. Para mais, um dos objetivos da TCC é tornar o paciente no seu próprio terapeuta o ensinando a identificar possíveis situações nocivas e a regular suas emoções e desempenhar o melhor comportamento, logo, também é uma abordagem educativa (BECK, 2021).

A TCC também monitora o progresso do paciente, baseia-se no presente (mesmo que fatos do passado possam ser retomados) e nos objetivos e valores que o paciente possui, se adapta às influências culturais e subjetivas de cada paciente, é estruturada com sessões com começo meio e fim e o próprio tratamento também é estruturado dessa forma, assim, a TCC preocupa-se com o tempo que esse tratamento irá durar. É uma abordagem que utiliza técnicas para alcançar seus resultados e que possui os planos de ação, ou seja, tarefas diárias que o paciente irá desempenhar para atingir a mudança que deseja (BECK, 2021).

Além do mais, a TCC é uma abordagem terapêutica que trabalha com o ideal de um modelo cognitivo, onde pensamentos desencadeiam emoções, que geram comportamentos e fomentam uma reação fisiológica. Os pensamentos para a TCC podem se dividir em dois os intitulados pensamentos automáticos que são aqueles mais rápidos. “Os pensamentos automáticos são um fluxo de pensamentos que coexiste com um fluxo de pensamentos mais manifestos” (BECK, 1964 apud BECK, 2021, p.365). E os pensamentos conscientes.



Quando o sujeito toma consciência dos pensamentos automáticos, ele pode utilizar de pensamentos conscientes para os enfrentá-los em seu fluxo de pensamento. Os pensamentos conscientes tendem a ser mais racionais e realistas.

Um exemplo que pode ser citado é uma pessoa diagnosticada com TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada) que ao se deparar com uma prova começa a ter muitos pensamentos sobre não conseguir realizar os exercícios, ou sobre ser incapaz (pensamento automático) nisso ela começa a experienciar a ansiedade (emoção), em seguida começa a tremer sua perna (comportamento) e a ter uma falta de ar ao respirar (reação fisiológica), porém, como forma de se acalmar se lembra que estudou muito para a prova e que ela é capaz de realizá-la (pensamentos conscientes) e assim se acalma.

Os pensamentos fazem parte da denominada estrutura cognitiva. Essa estrutura possui três componentes, pensamentos, crenças intermediárias e crenças centrais. As crenças intermediárias são biotônicas das crenças centrais. Se constituem como as regras e valores que o sujeito estabelece para si. Essas regras dão base para o sistema de crenças centrais. Isso ocorre para a estrutura cognitiva manter uma maior congruência em seu sistema de funcionamento. Portanto, as crenças centrais dizem respeito a como o sujeito enxerga a si mesmo, aos outros ao mundo que o cerca e sobre o futuro. Esse sistema de crenças tem uma parte central na cognição.

Cognição se refere a um sistema de alta complexidade que envolve eventos, processos, produtos e estruturas cognitivos. As estruturas cognitivas podem ser entendidas como memórias e a maneira como a informação é representada pela memória.(PETERSEN; et.al, 2021).

Aaron Beck intitulou que a os indivíduos podem ter uma estrutura cognitiva funcional ou disfuncional e dividiu as crenças centrais em 6 grupos, três pertencentes às crenças funcionais (crença de valor, amor e amabilidade) e três pertencentes às disfuncionais (crença de desvalor, desamor e desamparo) (BECK, 2021).

Acerca da terapia, a TCC é uma das abordagens mais indicadas e que tem demonstrado os melhores resultados no contexto clínico. Em adição é uma abordagem que tem se enquadrado nos



quesitos da ciência e diversas de suas técnicas demonstraram-se práticas baseadas em evidências (BECK, 2021).

2.3 O Processo Terapêutico pela Cognitiva Comportamental com crianças

A TCC tem se mostrado benéfica e com bons resultados para o trabalho com crianças. Entretanto crianças mais novas (até os 9 anos) tem demonstrado um menor aproveitamento da terapia, contudo, os estudos ainda não são capazes de identificar se isso se deve pela falta de um pensamento concreto estabelecido – devido ao desenvolvimento neuro cognitivo do desenvolvimento humano- ou por uma incapacidade dos terapeutas em adaptarem suas sessões para o manejo com a criança (STALLARD, 2009).

Afirma-se que como em todas as abordagens, o trabalho com crianças precisa ser adaptado e diferenciar-se do processo realizado com adultos. Salienta-se que o lúdico e o brincar encontram-se como formas de acessar a estrutura cognitiva da criança e seus comportamentos. Para mais, como cada indivíduo é único, o tratamento precisa estar congruente com as condições de cada um (STALLARD, 2009).

Desse modo, algumas crianças poderão responder de forma satisfatória a perguntas diretas e a questionamentos, entretanto, outras precisarão de um maior estímulo e de uma maior explicação, ou ainda, precisarão utilizar da imaginação e do relato de situações reais para que o terapeuta possa ter acesso a seus pensamentos (STALLARD, 2009).

Assim como na psicoterapia com adultos, a terapia com crianças segue uma estrutura, logo, cada sessão possui uma preparação por parte do terapeuta. Ademais, a depender do transtorno que a criança possui, ou a questão pela qual ela frequenta a terapia, existem técnicas e ramificações da TCC que podem ser mais indicadas. Como exemplo, o uso da terapia cognitiva comportamental com crianças diagnosticadas com transtornos ansiosos têm demonstrado um bom resultado (PETERSEN, 2011).

De maneira geral, o uso de atividades lúdicas e brincadeiras é o que tem demonstrado os melhores resultados. Portanto, cabe ao terapeuta saber aplicar as técnicas de maneira exímia e saber



optar cada técnica e cada atividade conforme a necessidade e as possibilidades que cada criança apresenta.

Terapeutas de crianças adaptaram as técnicas à infância criando manuais específicos para a abordagem de cada patologia e também dando condições de testar a efetividade dos resultados a partir da existência desses roteiros estruturados (PETERSEN; et.al, 2011).

2.4 A Eficácia do Trabalho em Grupo

O trabalho em grupo possui uma eficácia comprovada para os mais diversos contextos. Por meio dele seus integrantes podem se expressar de forma livre e ter uma interação contínua que corrobora para uma melhora no tratamento (LIMA; OLIVEIRA apud ORTOLAN et.al, 2018).

[...] segundo Lima e Oliveira (2015) pode proporcionar a expressão de sentimentos, a adaptação da atual condição do sujeito, reforça sua autoimagem, e ainda é um apoio e uma atenção, na medida em que veicula informações e estimula a recuperação tanto física como emocional do sujeito. (LIMA; OLIVEIRA apud ORTOLAN et.al, 2018, p.4)

Salienta-se que para um grupo ter um efeito positivo sobre o contexto que o paciente o busca, é necessário que ele esteja organizado e tenha um bom manejo e interação entre os integrantes. Assim, como na terapia individual o *setting* (local) em que o grupo ocorre deve ser condizente com a demanda a ser abordada e seguir certos princípios, dado exemplo: o zelo pelo sigilo do que é ali contado tanto por parte dos integrantes quanto do terapeuta e o cuidado com o acolhimento dos novos integrantes. Desse modo, reforça-se que independente do que o grupo irá trabalhar, as evidências sustentam sua importância no processo terapêutico (ORTOLAN et.al, 2018).

Entende-se, assim, que o *setting* grupal se apresenta como um ambiente próprio e seguro para o intercâmbio de experiências e para as expressões emocionais, o que favorece a subjetivação, em conjunto, das experiências que afetam o cotidiano das pessoas que compõem o



grupo (Scorsolini-Comin, Souza, & Santos, 2010). Os fatores terapêuticos, então, que se fazem presente em um grupo – qualquer grupo, não necessariamente grupos terapêuticos propriamente ditos – são fundamentais para melhorar a condição de vida do usuário do serviço de grupo (Santos, Scorsolini-Comin, & Gazignato, 2014 apud ORTOLAN et.al, 2018)

2.4 Terapia em Grupo pela Cognitiva Comportamental

Assim como na terapia individual, a terapia cognitiva comportamental em grupo (TCCG) segue uma estrutura. É importante que precauções sejam estabelecidas antes mesmo do início dos grupos. No caso da TCCG com crianças, o terapeuta deve estar atento à escolha de quais integrantes irão compor o grupo e deve estabelecer critérios para esse processo. Sugere-se que os participantes tenham faixas etárias extremamente próximas, visto que, o desenvolvimento na infância possui fases, logo, denota-se que crianças mesmo com diferenças pequenas de idade possuem diferenças significativas em seu desenvolvimento (REDDY, 2012 apud Neufeld, 2015). Assim, o grupo deve seguir uma homogeneidade para seu melhor desenvolvimento.

Conduzir pessoas em terapia cognitivo- comportamental em grupo (TCCG) envolve considerar dois pressupostos básicos: o primeiro é que o grupo constitui um sistema no qual as técnicas serão administradas e o segundo é que para o grupo em TCC ser efetivo, ele deve obedecer ao requisito da homogeneidade (Neufeld, 2011 apud Neufeld, 2015, p.14).

De natureza igual ao TCCG com adultos, a TCCG com crianças deve contar com três profissionais, o terapeuta, o coterapeuta e o observador (NEUFELD, 2015). O terapeuta é o líder do grupo, ele que será o responsável por conduzir as atividades e discussões que ocorrerão. O coterapeuta que tem como função auxiliar o terapeuta e o observador que é um profissional que não participa ativamente no grupo, seu objetivo é relatar os comportamentos observados, identificar interações e fazer anotações que posteriormente poderão ser discutidas com o terapeuta e o coterapeuta. Todos os profissionais são de extrema importância para o grupo e possuem funções específicas.



O número de participantes também é um quesito. Para grupos terapêuticos um total de cinco integrantes tem demonstrado ser uma boa média. Afora, a depender do objetivo desse grupo, o terapeuta deve agrupar crianças com necessidades a serem trabalhadas similares (NEUFELD, 2015).

O terapeuta necessita estar contextualizado de cada caso, logo, no momento da triagem deve ser capaz de coletar o maior número de informações possíveis. Por se tratar de um tratamento com crianças, o trabalho com os tutores também deve ocorrer (NEUFELD, 2015). Em correlação, os responsáveis devem receber informações sobre seus dependentes, sem que o sigilo e o vínculo com a criança sejam prejudicados, assim, apenas informações pertinentes e com funções e objetivos bem estabelecidos devem ser repassadas. Encaminhamentos também podem ser dados tanto para os responsáveis quanto para a própria criança a depender do que foi identificado.

Finalmente, salienta-se que existem protocolos que podem ser adotados pelo coordenador conforme a necessidade de trabalho de questões reveladas no grupo (NEUFELD, 2015). Elucida-se que o trabalho grupal com crianças para o tratamento de TDHA possui bons resultados, mais especificamente a intervenção comportamental com pares possui um forte embasamento empírico. Para casos de transtorno obsessivo compulsivo e de estresse pós-traumático tem uma possível eficácia, havendo ainda a necessidade de mais estudos. (PETERSEN; et.al, 2011)

3. METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa, adotou-se como objetivo o encontro de evidências que embasam o trabalho em grupo com crianças por uma abordagem cognitiva comportamental como uma prática científica. O foco principal foi a investigação de materiais que sustentam esta prática como benéfica para os pacientes (crianças).

Os dados coletados foram organizados e sintetizados de acordo com os temas relevantes relacionados ao trabalho grupal com crianças na abordagem cognitivo-comportamental. Foram identificados padrões, tendências e lacunas na literatura, permitindo uma compreensão abrangente do assunto.



Este estudo se fundamentou na análise de dados da literatura científica. A metodologia proposta visou fornecer uma análise profunda do trabalho grupal com crianças na abordagem cognitivo-comportamental e sua importância para o desenvolvimento infantil. A revisão bibliográfica sistemática e criteriosa foi fundamental para alcançar os objetivos deste estudo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica realizada, foram identificados pouquíssimos estudos que abordam o trabalho grupal com crianças por um viés cognitivo (TCC) e sua influência no desenvolvimento infantil. No entanto, a análise dos materiais disponíveis e estudos revelou dados importantes sobre os benefícios dessa abordagem terapêutica.

Uma das principais conclusões dos estudos revisados é que o trabalho grupal com crianças na TCC de fato pode possuir benefícios. Por meio do grupo, as crianças têm a oportunidade de aprender habilidades sociais e ter contato com seus pares. Além disso, o grupo proporciona um espaço para a validação das experiências.

Outro dado importante discutido na literatura é a eficácia do trabalho grupal com crianças na TCC. De maneira geral, os estudos revisados demonstram que a intervenção deve ocorrer conforme o objetivo do grupo e conforme qual o motivo de sua busca, como exemplo, o trabalho em grupo pode ser indicado para alguns transtornos e outros não.

Contudo, apesar dos benefícios evidentes, alguns desafios também foram identificados na implementação do trabalho grupal com crianças na TCC. Um dos principais desafios é a heterogeneidade do grupo, que pode dificultar a adaptação das intervenções terapêuticas às necessidades individuais de cada criança. Desse modo, a eficácia tem se demonstrado para grupos homogêneos. Além disso, questões relacionadas à adesão ao tratamento e à dinâmica de grupo também podem estar presentes.

Outra questão relevante discutida na literatura é a importância do papel dos pais no trabalho grupal com crianças na TCC. Estudos sugerem que o envolvimento dos pais no processo terapêutico



pode aumentar a eficácia das intervenções e promover resultados mais duradouros. Portanto, estratégias para envolver os pais, como sessões de feedback devem ser consideradas na implementação do trabalho grupal com crianças na TCC.

A análise dos estudos revisados sugere que o trabalho grupal com crianças na terapia cognitivo-comportamental é uma abordagem promissora para promover o desenvolvimento infantil e tratar uma variedade de problemas psicológicos. Todavia, salienta-se que ainda é necessário a realização de mais pesquisas e estudos para um melhor entendimento da eficácia do trabalho grupal com crianças conforme demandas específicas.

Constata-se que um estudo denota que o trabalho grupal possui resultados independente do tema a ser abordado. Entretanto, percebe-se que por meio de uma verificação científica em outros materiais muitos casos como o de alguns transtornos mentais, ainda não possuem um forte embasamento estabelecido, alegando uma possível eficácia e não uma evidência sólida.

De maneira geral, o caso do trabalho grupal com crianças demonstra possuir embasamento para casos específicos, mesmo assim, para que essa eficácia seja encontrada o terapeuta necessita seguir uma série de critérios, alguns mencionados anteriormente neste artigo. Do mesmo modo, o trabalho grupal com crianças aparenta ter sim um impacto no desenvolvimento infantil (a depender de qual habilidade será estimulada e do objetivo do grupo).

Em relação a utilização de qual abordagem optar para esse trabalho, a escolha também varia conforme cada caso e o objetivo do processo terapêutico tanto individual como em grupo. Como exemplo, a abordagem que possui as melhores evidências e intervenções para casos de autismo é a Análise do comportamento Aplicada (ABA), para casos de depressão cognitiva clássica (TCC Clássica).

Referenciando-se a idade, de forma genérica, o autor Petersen destaca que dos 2 aos 6 anos as abordagens com maior aproveitamento pelas crianças são as comportamentais e dos 6 aos 12 anos tanto as comportamentais quanto as cognitivas (PETERSEN; et.al, 2011).

Conclui-se então que o trabalho grupal com crianças por uma perspectiva cognitivista comportamental apresenta evidências científicas e possui algumas técnicas que se enquadram como PBE. Seu impacto sobre o desenvolvimento infantil pode ser benéfico (conforme dito



anteriormente, a depender do motivo da busca pela terapia, de qual habilidade será estimulada e do objetivo estipulado).

Por fim, é válido ressaltar que independente da abordagem o trabalho com o lúdico é uma evidência sólida e embasada para os atendimentos. De forma igual, a capacitação, o manejo do terapeuta, o treino constante de suas habilidades profissionais e sua avaliação sobre cada caso é fundamental para a escolha da melhor técnica a ser utilizada.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. História social da infância e da família. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978. Último acesso em 01/04/2024 às 15h.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia_text.pdf

BAHLS, Saint-Clair; Ariana Bassetti Borba Navolar. Terapia Cognitiva Comportamental: Conceitos e Pressupostos Teóricos. Psico UTP Online. Curitiba, 04 de jul. 2004. Último acesso em 30/04/2024 às 15:24h. Disponível em: <https://www.cursosavante.com.br/cursos/curso368/conteudo8329.pdf>

ENGELS, Friedrich. A situação da classe Trabalhadora na Inglaterra. Tradução B. A. Schumann ; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. - São Paulo : Boitempo, 2010. Último acesso em 01/04/2024 às 15:03h. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4662435/mod_resource/content/1/ENGELS.pdf

LACERDA, Mirela Borba da. Um brincar com a tecnologia na primeira infância? Reflexões sobre o uso das Telas e o processo de integração infantil. Último acesso em às . Disponível em:

<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1467>

LIMA, Antônio José Araújo. O Lúdico em clássicos da filosofia: uma análise em Platão, Aristóteles e Rousseau. Último acesso em 01/04/2024 às 15h. Disponível em:

<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16470>

NEUFELD, Beatriz Carmem. Terapia Cognitivo-Comportamental em grupo para crianças e adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2015.



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



ORTOLAN, Maria Lúcia Mantovanelli et al. Grupos de dinâmica infantil e os efeitos terapêuticos do brincar. Revista da SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2. jul./dez. 2018. Último acesso em 03/04/2024 às 09:07h. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702018000200003

PETERSEN, Circe Salcides; Ricardo Wainer et al. Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes [recurso eletrônico]: ciência e arte. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SAMPAIO RF; MANCINI MC. Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Scielo – Brasil, 11 de fevereiro de 2007. Último acesso em 15/04/2024 às 08:10h. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfs/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?la#>

STALLARD, Paul. Bons pensamentos - bons sentimentos: manual de terapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes - Porto Alegre: Artmed, 2009.